

humanitas



Vol. XI-XII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Vol. 1
1901

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. VIII E IX DA NOVA SÉRIE
(VOLS. XI E XII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIX-LX



blis. Tout au plus en peut-on noter les dominantes, en étudier les procédés, en préciser les moyens d'expression. Le reste est le secret de la vie elle-même» (p. 346).

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO

FRANCESCO GIANCOTTI, *Il preludio di Lucrezio*. Casa Editrice G. D'Anna, Messina — Firenze, 1959. 332 pp.

Esta monografia sobre os 145 versos do próemio do livro I do *De Rerum Natura* transcende largamente, como o A. observa na *Introdução*, os limites do seu objectivo imediato. A definição deste próemio como um prelúdio geral do poema em que se exprimem os motivos genéticos da obra (pp. 5-6) postula, naturalmente, uma interpretação que tem o seu ponto de partida na visão sintética do poema total. Tudo está, porém, subordinado, na economia do trabalho, à sua primária intenção, o que é louvável pela fidelidade que implica a uma linha de pensamento bem estruturado.

Serve a *Introdução* para justificar a orientação seguida e demarcar os limites da investigação. Termina pela transcrição do texto que vai constituir o fulcro do trabalho.

O 1.º capítulo, *Poetica e gusto*, começa por considerar o problema essencial das relações de pensamento entre Lucrécio e Epicuro, particularmente no que respeita à sua concepção de poesia. A análise dos testemunhos leva o A. à conclusão de que Epicuro admitia uma arte utilitária e hedonística, em conformidade com os seus fins éticos. Opõe-se o A. à tese duma pretensa evolução no seio da escola epicurista que atribui a Filodemo de Gádara uma mudança de atitude em relação à poesia. Contra a hipótese de G. Della Valle, sustenta que nada prova que Lucrécio tenha sido discípulo daquele e que Filodemo terá constituído apenas «um ponto de partida», «um caminho para a leitura dos textos originais de Epicuro» (p. 31).

A discussão dos conceitos de hedonismo e utilitarismo, com a definição dos dois tipos de *ἡδονή* epicurista (*ἡδονή κωνητική* e *ἡδονή καταστηματακή*) reveste-se da maior importância. Ela servirá mais tarde o A. na sua interpretação da Vénus lucreciana.

E, a concluir o capítulo, o A. sublinha a independência crítica de Lucrécio frente aos princípios ideológicos da escola, revelada na liberdade dos juízos formulados relativamente a três poetas: Énio, Empédocles e Homero. Esta independência, interpretada como uma exigência da poesia verdadeira, tradu-la o A. nos seguintes termos: «a poesia de Lucrécio é superior à poética lucreciana» (p. 68).

No 2.º capítulo, discute-se em primeiro lugar a identificação do Memmius lucreciano. Adere o A. à hipótese que tem reunido o maior número de sufrágios: trata-se, com muita probabilidade, de Gaio Mémio, filho de Lúcio, cuja posição frente ao epicurismo o A. analisa e cujo perfil interpreta como correspondendo afinal ao tipo de leitor a quem Lucrécio dirige o poema. Saliente-se neste capítulo a definição do didascalismo lucreciano como autodidascalismo e a análise das relações íntimas do Poeta com a sua própria poesia.

O cap. III é especialmente dedicado à construção e defesa duma hipótese cronológica que resolve algumas dificuldades de interpretação do próemio do Livro I. Segundo o A., este próemio data «do período de tréguas que Roma gozou após a derrota de Catilina» (p. 145) e a hipótese é reforçada com outras considerações a propósito da participação de Lucrécio na vida política do seu tempo (pp. 150-1).

O cap. IV, *L'invocazione a Venere e i versi teologici*, analisa o problema da «situação ideal» da invocação a Vénus e do seu «enquadramento no contexto doutrinário do poema». Depois de fazer a história crítica do problema, o A. toma posição perante a tese de Bignone, que interpreta a Vénus lucreciana como alegoria da *ἡδονή* de Epicuro (pp. 193-4). A esta tese opõe a seguinte objecção: «Ma tutto questo cumulo d'argomenti non basta a soffocare un'obiezione, che s'impone a chiunque, pur facendo le migliori accoglienze alla dottrina e all'ingegnosità di cui la tesi è corredata, non perda d'occhio il testo lucreziano e constati come rispetto ad esso risulti inadeguato il simbolo del «piacere in riposo» (*ἡδονή καταστηματακή*) o atarassia.» (pp. 195-6).

Procura o A. obviar a esta dificuldade, identificando Vénus com o princípio construtivo da filosofia de Epicuro e Marte com o princípio destrutivo. Note-se, a propósito, que é um tanto forçada a interpretação dada ao verso I, 21 e que, pelo contrário, a ligação dos vv. 44-9 com os anteriores é resolvida de maneira natural, sem violência de sentido. Quanto ao problema da lacuna entre os versos 49 e 50, este é resolvido satisfatoriamente à luz da explicação proposta para a Vénus lucreciana (p. 223 e segs.)

O capítulo seguinte é consagrado à análise da «struttura del proemio primo», que o A. defende, com bons argumentos, das acusações de incongruência que lhe têm movido, demonstrando o carácter orgânico da composição, com base na sua interpretação da invocação a Vénus.

No cap. VI, depois de sublinhar a originalidade das figuras de Vénus e Marte, Epicuro e Ifigénia em Lucrécio, o A. sujeita o próemio a uma análise estética cujos limites sensatamente reconhece no final do capítulo (p. 322).

E o livro termina com um capítulo em que se retomam alguns pontos de vista fundamentais, expressos anteriormente pelo A., e se analisa a antinomia existente entre o princípio cósmico da isonomia e toda a estrutura ética do poema.

Resumindo a nossa opinião sobre este livro: com ele deu Giancotti um contributo notável para a compreensão da poesia lucreciana.

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO

P. OVIDI NASONIS, *Ibis*, a cura di Antonio La Penna. Biblioteca di Studi Superiori — «La Nuova Italia» Editrice, Firenze, 1957. CLXI + 183 pp.

Esta iniciativa de Antonio La Penna deve-se, conforme declara o A. na *Avvertenza*, à convicção da oportunidade duma nova edição crítica da *Íbis*, baseada num «exame completo, ou quase, da tradição manuscrita».

Num longo prefácio, define o A. a sua posição perante a variedade dos problemas suscitados por obra tão curiosa e tão difícil. A dificuldade começa com a fixação da data e avoiuma-se com o mistério da identificação de Íbis. Não passará Íbis duma ficção, como pretende Housman? Com boas razões, crê A. La Penna na existência real do inimigo de Ovídio, embora, sensatamente, se recuse a acrescentar mais conjecturas sobre a sua identificação. São palavras suas: «la filologia è spesso stancante per il suo ostinarsi a non considerare *perditum quod periit*». E, com esta justificada reserva, passa o A. à análise dum aspecto importante da interpretação da *Íbis*, trazido à discussão por Zipfel: filiação das imprecações (*preces* ou *dirae*) ovidianas nas antigas *tabellae defixionis* gregas e latinas (pág. XX e segs.). A esta relação, defendida por Zipfel, opõe La Penna uma tese sugestiva, que explica a cerimónia descrita em Ovídio como uma forma do rito romano da *deutio*, pela qual o Poeta sacrifica pura e simplesmente o seu inimigo. Uma nota bibliográfica completíssima termina este capítulo da Introdução.

O problema das fontes da *Íbis* é tratado pelo A. em dois capítulos. No primeiro, discute longamente as relações entre a *Íbis* de Ovídio e a obra, do mesmo nome, de Calímaco. Depois de provar reminiscências seguras em Ovídio de outras obras de Calímaco, conclui: «se (Ovídio) utilizza gli *Aitia*, non c'è nessuna ragione seria per escludere che utilizzasse in parte anche l'*Ibis*» (p. LV). No capítulo seguinte, refere outras fontes possíveis, desde fontes poéticas, que classifica de «óbvias», a fontes poéticas discutíveis, fontes históricas, biografias de poetas, etc.

Mas, onde o trabalho de A. La Penna se nos afigura débil e contingente, é na apreciação severa que faz da poesia ovidiana em geral. Juízo em nossa opinião.